

VOCALIZAÇÃO DA LATERAL /l/: UM ESTUDO ACERCA DO FENÔMENO NA ESCRITA ESCOLAR BONITENSE¹

Janaína Maria de Andrade²

RESUMO: O presente estudo é o resultado de reflexões teóricas e metodológicas acerca do processo de vocalização da lateral /l/ em posição de coda silábica na escrita de estudantes do Ensino Fundamental II da cidade de Bonito-PE. Aqui objetivamos analisar esse desvio fonológico na escrita e investigar a ocorrência de processos fonológicos relacionados à vocalização em posição de coda silábica que intervenham na escrita ortográfica, verificando, assim, os possíveis motivos que engatilham a vocalização da lateral nessa posição. Apoiamo-nos na Teoria da Linguística e da Variação Linguística, utilizando o arcabouço de Câmara Jr (1998), Faraco (2012), Hora (2006), Hora, Pedrosa e Cardoso (2010), Mollica (2003), Morais (2003 e 2007), Pedrosa (2012) e Zilles & Faraco (2015). O *corpus* dessa pesquisa se constituiu de treinos ortográficos e ditados realizados no ambiente já mencionado, tomando por base o método indutivo e consecutiva análise quantitativa desses dados. Os resultados apontam que esses processos de vocalização são, na maioria, advindos do fato de que há espelhamentos de processos do campo fonológico para o campo da escrita. Além disso, os desvios ortográficos tendem a diminuir com o avançar do nível de escolaridade, visto que, dentre as 1600 palavras analisadas, ocorreu vocalização da lateral 200 vezes no 6º ano e apenas 96 casos no 9º ano. Cabe ressaltar ainda que ambas as turmas variaram mais as palavras em que a lateral estava em posição de coda medial. Debruçamo-nos, neste trabalho, numa observação dos dados obtidos nesta pesquisa e da sua significância no contexto escolar.

PALAVRAS-CHAVE: Oralidade e Escrita. Desvios Fonológicos. Vocalização. Ensino Fundamental.

RESUMEN: El presente estudio es el resultado de reflexiones teóricas y metodológicas sobre el proceso de vocalización de la lateral /l/ en posición de coda silábica en la escritura de alumnos de la Enseñanza Fundamental II del municipio de Bonito-PE. Aquí nos proponemos analizar esta desviación fonológica en la escritura e investigar la ocurrencia de procesos fonológicos relacionados con la vocalización en posición de coda silábica que intervienen en la escritura ortográfica, verificando, así, las posibles causas que desencadenan el proceso fonológico de vocalización de la lateral en esta posición. Nos apoyamos en la Teoría de la Lingüística y la Variación Lingüística, utilizando el marco de Câmara Jr (1998), Faraco (2012), Hora (2006), Hora, Pedrosa y Cardoso (2010), Mollica (2003), Morais (2003 y 2007), Pedrosa (2012) y Zilles & Faraco (2015). El corpus de esta investigación consistió en entrenamientos de ortografía y dictados llevados a cabo en el ambiente mencionado, a partir del método inductivo y análisis cuantitativo consecutivo de estos datos. Los resultados apuntan que estos procesos de vocalización son, en su mayoría, derivados del hecho de que existen procesos de reflejos desde el campo fonológico al campo de la escritura. Además, las desviaciones ortográficas tienden a disminuir a medida que avanza el nivel educativo, ya que, entre las 1600 palabras analizadas, la vocalización lateral ocurrió 200 veces en el 6º grado y solo 96 casos en el 9º grado. También hay que señalar que ambos grupos variaron más las palabras en las que la lateral estaba en posición de coda medial. En este trabajo, nos centramos en una observación de los datos obtenidos en esta investigación y su trascendencia en el contexto escolar.

PALABRAS CLAVE: Oralidad y Escritura. Trastornos Fonológicos. Vocalización. Enseñanza fundamental.

¹ Artigo apresentado ao final da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso, ministrada pelo Prof. Dr. Inaldo Soares, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Letras Português-Espanhol, sob orientação da Profa. Dra. Marcela Moura Torres Paim. Março/2023.

² Graduanda em Letras Português-Espanhol pela UFRPE. E-mail: janainamaria014@gmail.com.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O interesse pela temática do estudo aqui apresentado surgiu desde o início da graduação em 2018, quando, sob a orientação do Prof. Dr. André Pedro da Silva, iniciei minha participação nas reuniões do grupo de pesquisa Relações entre Fala e Escrita (REFALES). Foi a partir da Bolsa de Iniciação Científica (BIA) e, posteriormente, do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), que pude coletar e montar o banco de dados que constitui o *corpus* deste trabalho.

Desde o início das leituras e das análises do material coletado, o tema chamou-me a atenção, além disso, sabendo da importância dos estudos fonológicos e seus espelhamentos no campo da escrita e da aquisição das convenções ortográficas, defendo que esse é um ótimo objeto de estudo para o trabalho aqui apresentado. Assim sendo, este artigo apresenta, embasado nas teorias que tratam da Variação Linguística, um estudo voltado ao fenômeno da vocalização da lateral /l/ em posição de coda silábica, a partir da análise de dados coletados na escrita de estudantes de Bonito, cidade do interior do estado de Pernambuco.

Dentre as diversas variações que ocorrem na nossa língua materna, nosso recorte volta-se para a realização (ou não) da vocalização na escrita, isto é, verificamos, na escrita de alunos de ano inicial (6º) e do ano final (9º) do Ensino Fundamental (EF) II, de duas escolas, uma pública e a outra privada, da cidade de Bonito – PE, como a vocalização se apresenta, atentando-nos para sua realização tanto em posição de coda medial quanto final.

Assim, este estudo tem como objetivos analisar a ocorrência do fenômeno linguístico de vocalização da lateral /l/ na escrita de estudantes do EF II dessas duas instituições de Bonito, interior de Pernambuco; detectar os fatores responsáveis por esse processo em ambiente escolar; observar se o fenômeno de vocalização ocorre com mais frequência em posição de coda medial ou coda final nas palavras; da mesma maneira, explicar quais são os fatores internos e externos à língua que contribuem para esse desvio; bem como verificar se o fenômeno diminui com o avanço da escolaridade.

Defendemos que a relevância deste artigo encontra-se no fato de que há diversos estudos acerca da vocalização da lateral na oralidade, entretanto esse material apresenta-se em menor quantidade no tocante à escrita. Além disso, as pesquisas já existentes, como os de Hora (2006), Espiga (2001), Galindo & Silva (2017), Quednau (1993) e Tasca (1999), são muito pontuais, tratando da vocalização na escrita escolar de João Pessoa-PB, Porto Alegre-RS, Jaboatão dos Guararapes-PE e, mais uma vez, Porto Alegre- RS, respectivamente.

Dito isto, sentimos a necessidade de fazer uma investigação voltada para o interior do estado de Pernambuco, a fim de expandir as pesquisas sobre o tema e comparar, então, os resultados obtidos com os já existentes, testando a hipótese levantada de que com o avançar do nível de escolaridade, juntamente com o processo gradual de aquisição da gramática, os desvios ortográficos tendem a diminuir e a escrita tende a se aproximar dos padrões ortográficos da norma culta.

Assim, além da relevância desse estudo, a aquisição de novas visões e novas manifestações linguísticas, principalmente quando se trata de estudos realizados no nordeste brasileiro, são de suma importância para o *corpus* das variações fonológicas. Isto porque os falares nordestinos, comparados aos do Sul, são bastante diferentes uns dos outros, portanto, pesquisas que tratam das variedades nordestinas são muito importantes para o cânone bibliográfico variacionista. Por fim, esse trabalho busca contribuir, também, para o enriquecimento de trabalhos científicos que digam respeito à variação escrita do português do Brasil.

Dessa forma, o nosso estudo está estruturado da seguinte maneira: a primeira seção apresentará as pesquisas que fundamentam este trabalho, a teoria da variação linguística. Seguindo, na seção dois, trazemos uma breve discussão acerca do nosso objeto de estudo, isto é, a lateral /l/, sua vocalização e apagamento e os estudos acerca do tema realizados no Brasil. Já na terceira seção, expomos a metodologia, como aconteceu a coleta do *corpus* e os critérios para a seleção e análise dos dados. Na quarta e última seção, encontram-se a análise dos dados de vocalização da lateral em Bonito-PE e a discussão do nosso problema, ou seja, nossos resultados.

1 A TEORIA DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E A ESCRITA ORTOGRÁFICA

A comunicação é uma das principais funções da língua. Através dela, a humanidade se desenvolve, argumenta, pergunta, ensina e instrui outros. A língua faz parte da nossa identidade e da nossa cultura e está presente nas nossas experiências cotidianas. A invenção da escrita foi um divisor de águas, pois com o seu uso pôde perpetuar-se o conhecimento e multiplicá-lo para que outras pessoas aprendessem. O processo de aquisição da escrita difere do processo de aquisição da fala. Podemos afirmar que, para o falante nativo, o processo de aquisição da fala ocorre de maneira natural, mas não podemos dizer o mesmo da escrita, uma vez que esta exige esforço e instrução explícita para aquisição e domínio.

Segundo Silva e Galindo (2017, p. 395, apud MORAIS, 1998), nas séries iniciais, nos primeiros anos de alfabetização, a criança passa por um grande processo de aprendizagem e, em um domínio ortográfico, percebemos que o indivíduo, em fase de aquisição da ortografia, busca organizar suas próprias regras em um plano interiorizado a partir das impressões que capta do meio. Logo, ela testa diversas possibilidades de transcrição do que fala e ouve, e isso resultará em diversas grafias de uma mesma palavra. A escrita inicial desses indivíduos é bem próxima da fala, a criança tende a espelhar as marcas da oralidade na escrita, e acaba escrevendo de acordo com as variações linguísticas às quais tem acesso.

Essas variedades linguísticas se definem pela forma pela qual determinada comunidade de fala compartilha normas e “atitudes” sociais perante uma língua natural. Diversas pesquisas científicas no campo da variação linguística foram feitas em meados do século passado. E os estudos acerca das variações linguísticas presentes na língua falada surgiram de maneira mais intensa, com relação à língua escrita, as pesquisas são mais recentes, ganhando ênfase no final do século passado.

A sociolinguística variacionista, por sua vez, é o ramo da linguística que se preocupa com essas variantes linguísticas e seu principal objetivo é sistematizar a variação existente na linguagem, considerando a língua como um sistema heterogêneo e dinâmico. William Labov foi um dos primeiros estudiosos a desenvolver um trabalho nessa linha de pesquisa e foi ele quem “apresentou uma metodologia, tendo como objeto de estudo a fala, observando seu contexto e indicando ser possível sistematizar o aparente caos linguístico” (SALGADO, 2009, p. 96).

Considerando ainda os paradigmas instaurados por Labov, na Teoria da Variação Linguística, é importante ressaltarmos o caráter heterogêneo da língua e a importância dessa heterogeneidade linguística em uma sociedade que também é heterogênea. A língua, enquanto organismo vivo, tende a se adaptar aos tempos e às mudanças históricas, sociais, políticas e culturais que acontecem na sociedade e refletem no comportamento linguístico de seus membros.

Em um país de dimensões continentais como o Brasil, é natural a existência de variedades linguísticas, que se fazem presentes em diversos contextos, incluindo a escola. O ensino da língua materna encontra, então, o grande desafio de integrar o ensino da Norma Padrão e as diversas variações linguísticas. Todavia, o processo de aprendizagem se restringe apenas ao ensino da Gramática Tradicional, a qual prescreve o que é “certo e errado” na língua,

desconsiderando os diversos usos que são permitidos por ela, bem como interferências sociais, como sexo, idade e nível de escolaridade, por exemplo.

Então, interessa-nos, neste estudo, a língua de caráter individual, a *parole* para Saussure; a língua multável frente às diferentes intervenções internas, como, por exemplo, no campo cognitivo (psicológico) ou no campo de fatores externos de determinada comunidade (fatores sociais). Assim, podemos afirmar que a variação linguística é inerente a toda e qualquer língua do mundo. Diante do reconhecimento de que a oralidade, a fala, influencia no processo de aquisição da escrita e das convenções ortográficas, defendemos a relevância de estudos que reconheçam as variações linguísticas dentro da escrita de nossos alunos.

Um dos campos de pesquisa mais interessantes, dentro da perspectiva fonológica e variacionista, é o estudo da variável lateral /l/ na posição de coda, tanto medial quanto final. No Português Brasileiro (doravante PB), essa lateral /l/ na posição de coda é realizada de forma variável, ora como alveolar /l/, ora velar ou ainda semivocalizada [w]. Neste trabalho, vamos nos ater à vocalização da lateral, variável que nos interessa neste momento.

Acreditamos que os estudos sociolinguísticos têm contribuído na desmitificação dos preconceitos que estão tão fortemente enraizados na sociedade. Por isso, acreditamos ser extremamente necessário trazer as pesquisas e resultados da Sociolinguística para o ensino de Língua Portuguesa, de forma a ampliar o conhecimento do aluno sobre os fenômenos linguísticos, preenchendo determinadas lacunas resultantes da “imposição” de uma língua padronizada em oposição à diversidade sociocultural e geográfica. Também julgamos ser necessário desfazer o equívoco em atribuir prestígio à língua escrita quando comparada à falada. Além disso, acreditamos que é preciso preparar o docente para ter noção dos fenômenos linguísticos e ter a capacidade de explicá-los e justificá-los na sala de aula.

Observaremos, pois, o fenômeno de vocalização da Lateral /l/ quando transformada em glide [w], e expressa ortograficamente como vogal alta *u*, em posição de coda final e medial de palavras. Assim, esta pesquisa se debruçará sobre dados de aproximação entre os falares de estudantes Bonitenses e a aproximação das normas ortográficas.

Isto posto, na seção seguinte, iremos abordar a vocalização da lateral /l/, objeto primeiro deste artigo, e os estudos brasileiros acerca desse fenômeno linguístico.

2 A LATERAL /L/ E OS ESTUDOS REALIZADOS NO BRASIL

A consoante líquida alveolar é observada nas posições de onset (inicial e medial) e coda (medial e final), a qual, geralmente, é produzida como o glide [w]. No Português Brasileiro, essa lateral /l/ na posição de coda é realizada de forma variável, ora como alveolar /l/, ora velar ou ainda vocalizada [w]. Neste trabalho, vamos nos ater à vocalização da lateral, fone predominante no PB (cf. CRISTÓFARO SILVA, 2003, p. 162). Esse fenômeno pode assumir, na fala, essas três formas distintas ou ainda ocorrer como o zero fonético quando há o seu apagamento.

Diversas pesquisas sobre a vocalização foram realizadas em diferentes regiões do Brasil, tomando por base a oralidade. Dentre esses estudos, podemos citar o trabalho de Quednau (1993), que desenvolveu uma pesquisa sociolinguística quantitativa em diferentes comunidades do Rio Grande do Sul, objetivando observar os índices de variações da lateral pós-vocálica e analisar o processo de vocalização naquela região.

Outra pesquisa de grande relevância que foi desenvolvida é o trabalho de Tasca (1999), que tinha como intuito expandir os estudos linguísticos sobre a lateral /l/, e, para tanto, realizou uma coleta de dados em algumas cidades da região sul do Brasil. Espiga (2001), por sua vez, desenvolveu uma pesquisa, também na região sul do país, sobre a variação da lateral pós-vocálica nos dialetos de algumas comunidades. Os dados mostraram o predomínio de duas variantes para a lateral, a forma alveolar [w], que acontece por influência do espanhol e a forma velarizada-labializada.

Quanto às pesquisas realizadas no Nordeste, relacionadas ao comportamento dessa lateral em posição de coda, pode-se ressaltar a realizada por Hora (2006), na cidade de João Pessoa-PB. Esta mostrou, de maneira evidente, a variante vocalizada [w] no dialeto dos informantes da comunidade que participaram da pesquisa. Cabe ressaltar, contudo, que os estudos citados são, em sua maioria, referentes à região Sul do país, além disso contemplam a variação no âmbito da oralidade.

Diante do exposto, acreditamos que faz-se necessário realizar uma investigação voltada para o interior do estado de Pernambuco, com o objetivo de expandir as pesquisas sobre o fenômeno linguístico da vocalização, além de agregar o estudo aos já existentes.

Antes de prosseguirmos com a investigação do fenômeno, diante do fato de termos uma questão silábica envolvida no instrumento de pesquisa e na análise, de maneira a interferir nos

processos de vocalização, trataremos brevemente da estrutura silábica do PB e sua influência no fenômeno da vocalização.

Dispomos de algumas definições linguísticas de sílaba, adotaremos aqui a seguinte

Sílabas são constituídas de vogais – que representamos por V – e consoantes – que representamos por C (...) A vogal é sempre obrigatória e as consoantes podem ser opcionais (...) A vogal é o núcleo da sílaba, e as consoantes ocupam as partes periféricas. (CRISTÓFARO SILVA 2002, p.152).

Definido o conceito de sílaba, atentáramo-nos, agora, à sua representação fonológica. Diante das propostas existentes, adotaremos a mesma que Hora (2009, p. 29), que se baseia no modelo de Selkirk (1982) como se pode ver na Figura 1 [anexo 1], segundo o qual a sílaba pode ser dividida nos seguintes constituintes: um Ataque (ou Onset) e uma Rima, e a Rima, por sua vez, se divide em um Núcleo (ou Pico) e uma Coda.

Chamaremos a posição pós-vocálica, citada no parágrafo anterior, de coda, que pode ser medial ou final a depender da posição da sílaba na palavra. Para exemplificar temos, como exemplo, no fonema /l/ em posição de coda, as palavras “fral.da” e “hos.pi.tal”, respectivamente coda medial e coda final. Nesses casos, devido ao contexto fonológico precedente, a vogal alta /a/ e ao espelhamento da escrita na oralidade, os estudantes tendem a substituir a lateral pela glide [w] e expressá-la ortograficamente como vogal alta *u*. Observaremos, então, neste artigo, esse fenômeno variável chamado vocalização.

2. 1 O fenômeno da Vocalização na escrita e o apagamento do fonema [Ø]

Como já exposto, debruçaremos-nos sobre o fenômeno da vocalização, no qual ocorre uma substituição de uma consoante por uma vogal na escrita, da lateral /l/ em coda silábica, variante mais recorrente no Brasil. Os fatores linguísticos favorecedores da vocalização do fonema /l/ são a natureza da vogal precedente e subsequente, uma vez que o fenômeno apresenta-se em maior número após uma vogal baixa como em manual (manu'aw) e, em menor número, após uma vogal posterior alta arredondada como em sul (suw).

Cabe destacar que, além da vocalização, outras alterações são sofridas pelo fonema /l/, conforme Hora (2009, p. 36), o fonema consonantal /l/ pode apresentar três possibilidades de realização na fala, sendo que duas delas apresentam reflexos na escrita. A primeira possibilidade é [w], em pronúncias como pa[w].co e jor.na[w], para as palavras palco e jornal, uma vez que é “Muito comum encontrar-se a substituição da lateral pela vogal “u”,

principalmente em posição final, pois temos na Língua Portuguesa formas como “degrau”, “véu” etc. (HORA, 2009, p. 36).

E a segunda [Ø], em que ocorre a vocalização ou o apagamento total do fonema, vale ressaltar que quando a lateral “for precedida pela vogal “u”, seu apagamento é praticamente categórico, devido à impossibilidade de se ter um ditongo com vogal e semivogal com o mesmo ponto *[uw], já que ambas são posteriores e altas.” (HORA, 2009, p. 36).

Diante disso, observaremos a ocorrência dessas alterações sofridas pelo fonema /l/, tanto a vocalização, objeto de estudo dessa pesquisa, quanto o apagamento sofrido [Ø] pelo fonema.

Passemos, então, à explanação acerca da metodologia utilizada para a realização desse estudo.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

Para a elaboração deste artigo foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre estudos anteriores acerca da vocalização da lateral /l/ na fala e na escrita do Português Brasileiro – PB, de diferentes regiões do país, bem como da teoria da variação linguística, levando em conta as questões teórico-metodológicas.

Assim, utilizamos o aporte teórico da Teoria da Linguística e da Variação Linguística, usando o arcabouço de Câmara Jr (1998), Faraco (2012), Hora (2006), Hora, Pedrosa e Cardoso (2010), Mollica (2003), Moraes (2003 e 2007), Pedrosa (2012) e Zilles & Faraco (2015), tomando como abordagem o método indutivo. Ainda conforme a Teoria da Variação, os fenômenos variáveis que ocorrem na fala e na escrita são condicionados por variáveis sociais e linguísticas. Para a realização do nosso estudo, as variáveis sociais selecionadas foram, portanto, sexo, escolaridade e o contexto de aplicação dos treinos ortográficos.

A coleta de dados do material que compõe o *corpus* desse trabalho aconteceu em duas escolas, uma pública e outra privada, localizadas na cidade de Bonito – PE, e a escolha se deu pelo episódio de que as pesquisas existentes acerca do fenômeno da vocalização são realizadas, em sua maioria, em outras regiões do estado ou até de outros estados, e, por isso, buscamos ampliar as discussões sobre a temática, além de evidenciar que há, também, a ocorrência do fenômeno nos ambientes citados. Dessas duas instituições de ensino, participaram 80 estudantes, com idades entre 11 e 15 anos, sendo 40 alunos dos 6º anos do EF II e os outros 40 dos 9º anos, também do EF II.

Para iniciarmos o nosso estudo e, posteriormente, a coleta dos dados, houve uma entrevista prévia com os diretores das escolas e com as professoras de língua portuguesa, além disso, foi necessária a solicitação das assinaturas dos pais e responsáveis do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE, já que os estudantes eram menores de idade. A partir daí, com a permissão de todos os envolvidos, os alunos puderam participar dos treinos ortográficos que resultaram no *corpus* da nossa pesquisa.

Vale ressaltar que toda a nossa pesquisa é respaldada pelo Comitê de Ética e segue todas as suas prerrogativas. Por conseguinte, por envolver seres humanos, submetemos a pesquisa ao Comitê de Ética da Fundação Joaquim Nabuco, da qual recebemos autorização para sua realização, por meio do Parecer Consubstanciado CAAE: 67297517.0.0000.5619, versão 2. Sendo assim, as produções utilizadas foram devidamente autorizadas pelos responsáveis legais dos alunos pesquisados, por se tratarem de menores de idade, no seu anonimato e no da escola.

Depois de realizada a coleta dos dados, tivemos, para efeito de análise, que equiparar o número de estudantes entre as turmas. Desse modo, foi considerado apenas o material de 40 estudantes de cada ano escolar. Para realizar essa escolha, usamos dois critérios para identificar quais os materiais que seriam avaliados nessa pesquisa. Foram eles: (a) a devolução do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado; e (b) a caligrafia, uma vez que foi essencial para nossa análise que os estudantes escrevessem de forma legível para que pudessemos identificar a presença ou a ausência do fenômeno de vocalização nos vocábulos.

Foram coletados, então, treinos ortográficos nos quais eram expostos vocábulos com a presença da lateral /l/ na posição de coda medial e final da sílaba, nos anos iniciais e finais do EF II, com o intuito de provar a hipótese norteadora deste artigo: em séries iniciais, os dados de escrita estão mais próximos da fala e na medida em que se dá o letramento, com o aumento da escolarização, tende a se afastar desta (cf. MORAIS, 2003 e 2007; MARCUSCHI, 2005; MASSINI-CAGLIARI & CAGLIARI, 2008; FARACO, 2012).

Dividimos os treinos ortográficos em duas etapas de coleta de dados: (1) ditado de palavras, neste momento, as palavras estavam isoladas e foram solicitados a atenção, o silêncio e a concentração; (2) treino ortográfico de frases, neste segundo momento, a atividade estava voltada para a completude de frases, que estavam acompanhadas com imagens. Para ambas as etapas, foram utilizados os mesmos vocábulos, permitindo-nos um controle das variáveis do fenômeno em estudo.

Os grupos de palavras utilizadas nesta pesquisa são: (1) lateral em posição de coda medial; e (2) lateral em posição de coda final. São elas:

Grupo 1: algodão / caldeirão / culto / filme / fralda / multlidão / palco / salsicha / sollidado / talco.

Grupo 2: anzol / cereall / currall / cristall / faroll / hospitall / jornall / legall / temporall / varall.

Vale ressaltar que, como nosso estudo objetiva fazer uma análise do fenômeno da vocalização em posição de coda medial e coda final, foram utilizados vocábulos que permitiram a realização da análise do fenômeno, além de registrar, também, o fenômeno de apagamento do fonema lateral estudado.

Além do ditado e do treino ortográfico mencionados, também, solicitamos que os informantes preenchessem um questionário acerca dos seus hábitos de leitura e de escrita para melhorar a análise dos dados, pois defende-se que quanto maior o nível de letramento, menor o número de desvios ortográficos na escrita.

Com a coleta de dados finalizada, fizemos a análise quantitativa, conforme a metodologia de abordagem indutiva e de procedimento estatístico, com o intuito de identificar com que frequência o fenômeno da vocalização ocorreu, assim como quais os fatores responsáveis por tal processo, material que será exposto na seção seguinte.

Dito isto, passemos à próxima seção, na qual exporemos a análise do material colhido, com o propósito de compreendermos os contextos em que ocorre o fenômeno abordado neste estudo.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Apresentaremos, nesta seção, a categorização dos nossos resultados, bem como a análise dos materiais coletados nesta pesquisa. Objetivamos comprovar as hipóteses levantadas ao longo deste artigo.

Quando nos propusemos a investigar a vocalização na escrita escolar, partimos do pressuposto de que o fenômeno é indubitável na oralidade, como podemos constatar através de levantamentos realizados por Quednau (1993), Tasca (1999), Espiga (2001) e Hora (2006). Assim sendo, fomos investigar se esse fenômeno ocorre também na escrita, mais especificamente, na escrita escolar de estudantes bonitenses.

Para isso, usamos como instrumento metodológico o ditado de palavras e o treino ortográfico de frases, realizados em dois momentos distintos, em dois anos escolares: 6º e 9º anos do EF II. Ao avaliarmos o *corpus*, formado por 80 alunos, 40 de cada instituição (20 do 6º e 20 do 9º anos), pudemos constatar que o fenômeno de vocalização é bem presente, visto que, cerca de 19% das palavras foram grafadas com desvios relacionados à vocalização.

Dividimos os resultados em dois grupos: Fatores Fonológicos e Fatores Sociais, pois sabemos, conforme visto, que ambos se completam na aquisição da linguagem. Nos Fatores Fonológicos, discutiremos acerca do contexto fonológico em que a lateral /l/ está inserida (coda medial e final), e nos Fatores Sociais, veremos como a escolaridade, o sexo e o contexto de aplicação (ditado de palavras ou ditado de frases) influem no processo de vocalização. Por fim, apresentaremos os resultados de um Questionário Social e de uma breve comparação entre os ensinos público e privado, mostrando o déficit na rede pública de ensino. Passemos à discussão.

4.1 Fatores Fonológicos

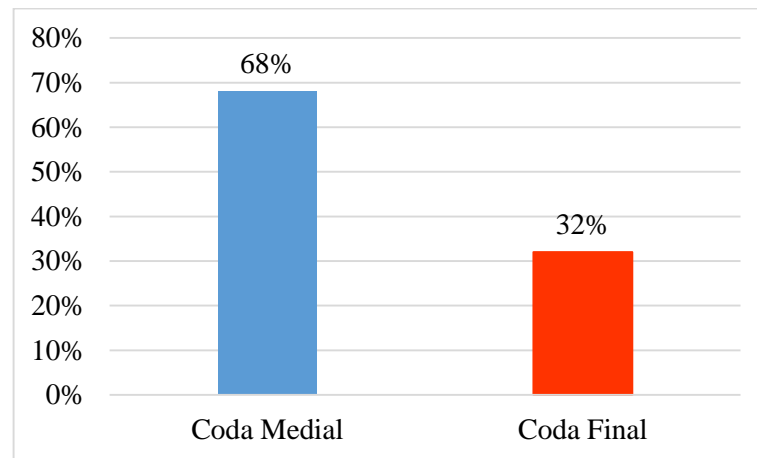
Contexto Fonológico

Quando tratamos de Fatores Fonológicos, estamos direcionando nosso foco para a posição da lateral /l/ em final de sílaba, posição de coda, medial ou final. Na presente pesquisa, observamos que a maior produtividade da vocalização do fonema /l/ encontra-se na posição de coda medial.

A respeito disso, defendemos o constatado por Hora (2006), o qual afirma que quando a vogal precedente for a central (/a/) ou as anteriores (/i/, /e/ e /E/) a lateral tende a apresentar-se na forma vocalizada /w/, enquanto que, se nosso contexto fonológico precedente for preenchido por uma vogal posterior (/ɔ/, /o/ e /u/), o apagamento da lateral será mais constante.

Além disso, quando a lateral é precedida pela vogal /a/ e existem outras consoantes após seu aparecimento, sua pronúncia fica mais próxima à da vogal posterior *u*, favorecendo o processo de vocalização, como nas palavras do Grupo 1: *caldeirão*, *fralda*, *salsicha* e *talco*, vocábulos que apresentaram a maior quantidade de desvios.

Diante disso, sabendo que os fatores linguísticos, como a natureza da vogal precedente e/ou da consoante subsequente, são favorecedores à vocalização do fonema /l/, observemos o gráfico 1, que comprova como o fenômeno da vocalização é mais produtivo em contexto de coda medial:

Gráfico 1 - Variável Contexto Fonológico

Fonte: Elaborado pela autora.

Como exposto no gráfico 1, devido ao contexto fonológico precedente, das 296 palavras que apresentaram desvio, 203 (68%) apareceram em Contexto Medial, e 93 (32%) em Contexto Final. A partir disso, comprovamos o ponto de vista defendido, concluindo que a vocalização apresenta-se, principalmente em coda medial, pois ali a pronúncia da lateral fica mais acentuadamente vocalizada. Vejamos os exemplos que seguem retirados diretamente dos treinos ortográficos dos estudantes:

- (1) Aluno 3, 6º ano, Escola Pública: ca/**w**/deirão (caldeirão)
- (2) Aluno 5, 6º ano, Escola Privada: fra/**w**/da (fralda)
- (3) Aluno 13, 9º ano, Escola Pública: sa/**w**/sicha (salsicha)
- (4) Aluno 14, 9º ano, Escola Privada: ta/**w**/co (talco)

Destacam-se aqui as palavras que apresentaram uma maior quantidade de desvios que foram: *fralda* (22%), *talco* (11%), *caldeirão* (10%) e *salsicha* (10%). Percebemos que a vocalização ocorreu devido ao contexto fonológico em que a lateral está inserida, pois em *fralda*, *caldeirão*, *talco*, *palco* e *salsicha*, todas as palavras são precedidas pela vogal baixa /a/, onde a vocalização tem ocorrência prioritária. Desse modo, devido ao contexto fonológico favorável, a vocalização se fez presente na escrita.

Vale salientar que, em palavras como *curral* e *varal*, o fenômeno ocorreu porque elas são precedidas por uma vogal baixa /a/ e não há uma consoante após seu aparecimento. Podemos, então, inferir que o baixo índice de apagamento pode ser justificado por esse fator.

Já em *anzol* houve casos de vocalização e de apagamento [Ø] do segmento lateral. Esse apagamento deu-se em decorrência do contexto fonológico precedente.

É necessário salientar que

Embora o apagamento da lateral em posição final possa atingir qualquer uma das vogais que preencham o contexto fonológico precedente, ele será estigmatizado entre as pessoas escolarizadas, exceto se essa vogal for [u]. Em interior de palavra, o apagamento só ocorre se o contexto fonológico precedente for uma vogal posterior, incluindo a vogal [o]. O mesmo não acontece com as demais vogais, que resultarão em itens mal-formados (HORA, 2006, p. 40).

Uma vez que iniciamos essa discussão acerca do aparecimento da variante [Ø] no *corpus* desta pesquisa, discutiremos, brevemente, acerca dos casos em que ela ocorreu. Como exposto, diferentemente da vogal /a/, a vogal /o/ é favorável ao apagamento total do fonema [Ø], assim como a vogal /u/, como ocorreu com a palavra so[l]dado ~ so[Ø]dado (soldado), e massivamente com as palavras cu[l]to ~ cu[Ø]to (culto) e mu[l]tidão ~ mu[Ø]tidão (multidão).

Defendemos que o aparecimento desta variante ocorreu devido à proximidade sonora da vogal média alta /o/ com a vogal alta /u/, já que a estratégia de reparo vocalizada é a transformação ortográfica do /l/ em /u/. Além disso, como bem explica Hora (2009, p. 36), quando a lateral “for precedida pela vogal “u”, seu apagamento é praticamente categórico, devido à impossibilidade de se ter um ditongo com vogal e semivogal com o mesmo ponto *[uw], já que ambas são posteriores e altas.”

Podemos observar essa variante [Ø] nos exemplos retirados diretamente dos treinos ortográficos dos estudantes expostos a seguir:

- (5) Aluno 7, 6º ano, Escola Pública: mu[Ø]tidão
- (6) Aluno 10, 9º ano, Escola Pública: mu[Ø]tidão
- (7) Aluno 11, 6º ano, Escola Privada: mu[Ø]tidão
- (8) Aluno 18, 9º ano, Escola Pública: mu[Ø]tidão

Pontuamos, então, nesta subseção, os Fatores Fonológicos responsáveis pelo fenômeno de vocalização e o aparecimento de apagamentos do fonema. Com isto, concluímos que há maior produtividade da vocalização do fonema /l/ em posição de coda medial, isso devido ao contexto em que a lateral /l/ está inserida. Vimos também o aparecimento da variante [Ø], que ocorreu, principalmente, nas palavras culto e multidão, devido ao contexto fonológico antecedente.

Isto posto, seguimos na tentativa de identificar os fatores que engatilham a produção de vocalização da lateral /l/ na escrita. Passemos, então, à discussão dos Fatores Sociais.

4.2 Fatores Sociais

Além dos fatores linguísticos inerentes à posição de /l/ na sílaba fonética, os fatores culturais são claramente influentes a esta variação e manifestar-se-ão quando levados em conta fatores de contexto de aplicação e de nível de escolaridade.

Variável Escolaridade

A variável *Escolaridade* é uma das mais importantes para os estudos sociolinguísticos, isso porque os falantes mais escolarizados tendem a utilizar mais a variável padrão, em oposição aos menos escolarizados, devido ao pouco contato com a língua escrita e à norma padrão nas instituições de ensino.

Em seu estudo realizado na cidade de Nova York, Labov (1966) observou que os falantes mais escolarizados privilegiam as formas de prestígio, ao passo que os menos escolarizados, as formas mais estigmatizadas.

Sabemos que a construção cognitiva da escrita visa esse gradual afastamento da fala, já discutido no presente artigo. Tais resultados obtidos resultam num entendimento que ainda que profundamente ligadas, a fala e a escrita muitas vezes não são correspondentes entre letra-som. A grafia corresponde a um sistema análogo, porém, não gêmeo da oralidade. A criança, então, com a ajuda da escola, passa a compreender as duas formas de manifestação da língua, não como unas, mas como dependentes. Sobre esse amadurecimento gradual, Pedrosa e Nascimento (2014, p. 03) são pontuais ao afirmarem que

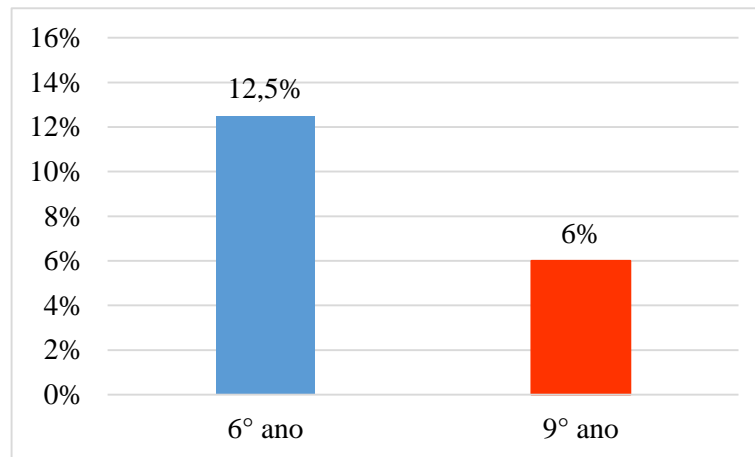
[...] o processo de escrita apresenta um grau considerável de dificuldade para a criança no início de sua aquisição. Isso porque o nosso sistema de escrita apresenta dois tipos de organização. O primeiro deles é baseado na proposta alfabética, em que há uma correlação entre a fala e a escrita e o segundo, que diz respeito a uma sistematização ortográfica, que busca anular a variação linguística e propõe uma normatização sem tomar por base a oralidade. Dessa forma, a criança precisa sistematizar dois tipos de conhecimentos: um em que pode fazer uso de conhecimentos prévios advindos da oralidade; outro do qual só terá conhecimento a partir da alfabetização.

O fator escolaridade também está ligado à cultura. O tipo de escolaridade do informante fala não somente dele, mas também do grupo social a qual pertence. Esse trabalho propõe-se, sobretudo, comprovar que cada vez que uma criança ascende uma série do ensino básico, sua escrita afasta-se mais da fala, ou seja, nas séries iniciais, os dados de escrita estão mais próximos

da fala e, na medida em que se dá o letramento, com o aumento da escolarização, tende a se afastar desta (cf. MORAIS, 2003, 2007; MARCUSCHI, 2005; FARACO, 2012).

Passemos, então, aos nossos dados acerca dessa variável para entendermos como ela se comporta na comunidade em estudo.

Gráfico 2 – Variável Escolaridade



Fonte: Elaborado pela autora.

Pontuamos que, conforme o gráfico 2, a variável *Escolaridade*, de fato, influencia no processo de vocalização, visto que os estudantes do 6º ano apresentaram desvios em 200 palavras, pouco mais de 12%, enquanto os do 9º ano em 96, o equivalente à 6%.

Ainda no que se refere às diferenças entre os resultados obtidos com o 6º e 9º ano, analisando os dados obtidos nos materiais produzidos pelos escreventes, chegamos aos seguintes resultados:

- (a) No 6º ano, 126 variações foram verificadas no ditado de palavras e 74 no treino ortográfico de frases, totalizando 200 ocorrências de vocalização da lateral. A palavra que mais variou foi “fralda” – como já explicitado na seção anterior, essa palavra pertence ao Grupo 1, ou seja, pertence aos vocábulos cuja lateral encontra-se em posição de coda medial.
- (b) No 9º ano, 52 variações foram verificadas no ditado de palavras e 44 no treino ortográfico de frases, totalizando 96 ocorrências de vocalização da lateral; novamente, foi a mesma palavra, “fralda”, que mais apresentou desvios relacionados à vocalização.

Assim, é possível comprovarmos que à medida que os alunos avançam nas séries regulares, menor é a possibilidade dessa variação ocorrer, visto que os informantes do 6º ano apresentaram mais que o dobro de desvios em relação aos do 9º ano. A partir dessa informação, comprovamos, então, que a escolaridade é um fator determinante para a ocorrência do fenômeno da vocalização.

Variável Sexo³

Sabemos que “Em inúmeros estudos realizados no campo da sociolinguística, o *Sexo* tem sido um dos fatores sociais que se apresenta como um dos mais importantes” (HORA, 2006, p.36), defendemos, então, a importância de incluir essa variável neste estudo.

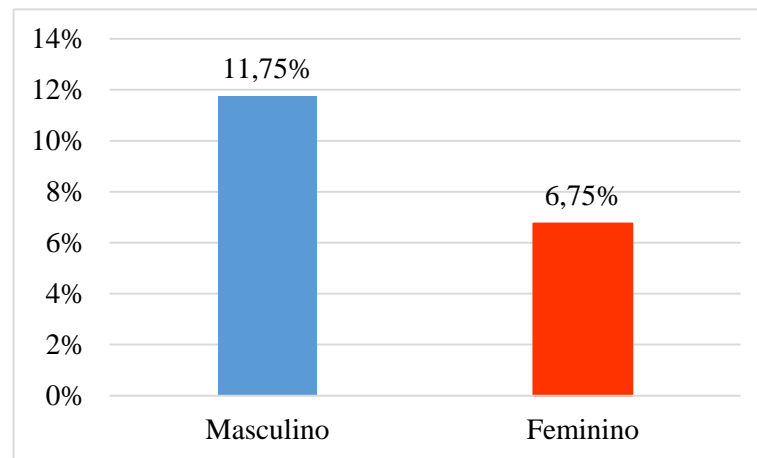
É importante deixar claro que preferimos utilizar a terminologia *Sexo*, conforme estratificamos, por este está ligado ao corpo, e, assim como explica Hora (2006, p. 37),

Embora tenhamos usado o rótulo “sexo” para designar essa restrição, temos consciência de que estamos analisando o ser humano, que pode ser avaliado muito mais em termos de gênero do que de sexo propriamente dito. Esse último é definido biologicamente, enquanto o gênero é definido sociologicamente. Todavia, independentemente da escolha terminológica, o fato é que o falante é o resultado de uma conjugação de características que se acumulam com o tempo e que o moldam a partir dos valores estabelecidos em sua comunidade.

Este distingue-se, portanto, do *Gênero* que, por sua vez, está ligado a um *status* adquirido pelo indivíduo na sociedade, embora seja, muitas vezes, confundido com o *Sexo* ou remetido à classe dos substantivos, na qual é feita uma divisão baseada em critérios flexionais e não biológicos, já que nem sempre o *Gênero* do substantivo corresponde ao seu *Sexo*, como é o caso do termo criança.

Passemos, então, aos resultados obtidos nesta pesquisa acerca dessa variável. Observemos o gráfico seguinte:

³ A palavra *Sexo* é definida por Eckert (1989) como “uma categoria biológica que serve como base fundamental para diferenciação de regras, normas e expectativas na sociedade”.

Gráfico 3 – Variável Sexo

Fonte: Elaborado pela autora.

A partir do gráfico 3, percebemos que os informantes do *Sexo Masculino* tendem a vocalizar mais, em contrapartida, estudantes do *Sexo Feminino* tendem a preservar o segmento. Os alunos do *Sexo Masculino* variaram aproximadamente 12%, enquanto os do *Sexo Feminino* variaram aproximadamente 7%. Isso significa dizer que os informantes pertencentes ao *Sexo Masculino* apresentaram quase o dobro do desvio, cerca de 5% a mais que o Feminino. Acreditamos que essa diferença entre os *Sexos* aconteça devido à tendência de os sujeitos do *Sexo Feminino* serem mantenedores da norma padrão, enquanto os do *Masculino* tendem a não manterem.

Segundo Labov (2001), há dois princípios básicos na discussão da variável *Sexo*: o primeiro afirma que o *Sexo Masculino* opta mais pela forma não padrão que as mulheres, em uma estratificação sociolinguística estável; já o segundo, defende que o *Feminino* é o principal responsável pela maioria dos processos de mudança linguística, a partir do uso de formas inovadoras.

Por fim, no que tange à variável “sexo”/“gênero”, a proximidade numérica entre os resultados obtidos nesta pesquisa servem para demonstrar que, independentemente de seu sexo, os estudantes de Bonito –PE estão se comportando de forma similar na vocalização da lateral /l/, embora o *Sexo Masculino* apresente uma quantidade de desvios maior em relação ao *Feminino*, que mantém a variante de prestígio.

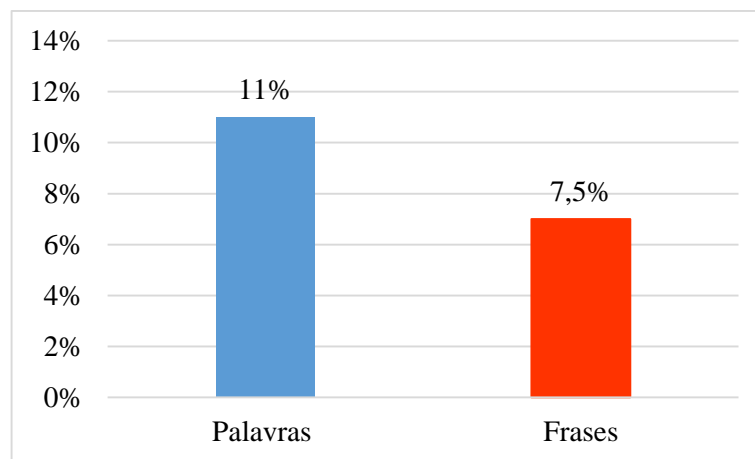
Contexto de Aplicação

A escolha pela aplicação de testes duplos para essa pesquisa aconteceu de forma pensada, isto é, buscou-se aplicar duas diferentes formas de coleta de dados no intuito de averiguar o comportamento dos escreventes frente às escolhas possíveis. Assim, dividimos em dois níveis de coleta dos treinos ortográficos, *Treino Ortográfico de Palavras* e *Treino Ortográfico de Frases*.

Em um primeiro momento, desenvolvemos um ditado de palavras isoladas, ou seja, o *Treino Ortográfico de Palavras*. Nesse caso foi solicitado o isolamento das interações como os outros, o silêncio e a concentração. O segundo momento contava com uma atividade voltada para a completude de frases, contendo imagens e um ambiente mais espontâneo e menos monitorado, o *Treino Ortográfico de Frases*⁴.

As palavras usadas em ambos momentos foram as mesmas, todas com a possibilidade da manifestação da vocalização do /l/, divididas em dois grupos, como já apresentadas na metodologia deste artigo. Vejamos os resultados para este fator no gráfico a seguir:

Gráfico 4 – Contexto de Aplicação (Tipo de Ditado)



Fonte: Elaborado pela autora.

Conforme observamos no gráfico 4, no ditado de palavras, os alunos cometeram o desvio em 178 palavras, ou seja, cerca de 11%, já no ditado de frases o desvio aconteceu em 118 frases, o equivalente à 7,5%, assim, o *ditado de palavras* abriu mais espaço, cerca de 3,5%, para o uso das variantes (vocalização e apagamento).

⁴ Ver Apêndice 1: Ditado Ortográfico de Frases.

Vale frisarmos que, no *ditado de frases*, as crianças já conheciam as palavras e possuíam as frases e as imagens como auxílio. Logo, acreditamos que esse tenha sido o motivo pelo qual os informantes utilizaram a norma padrão no *Ditado de Frases* e cometido mais desvios no *Ditado de Palavras* isoladas.

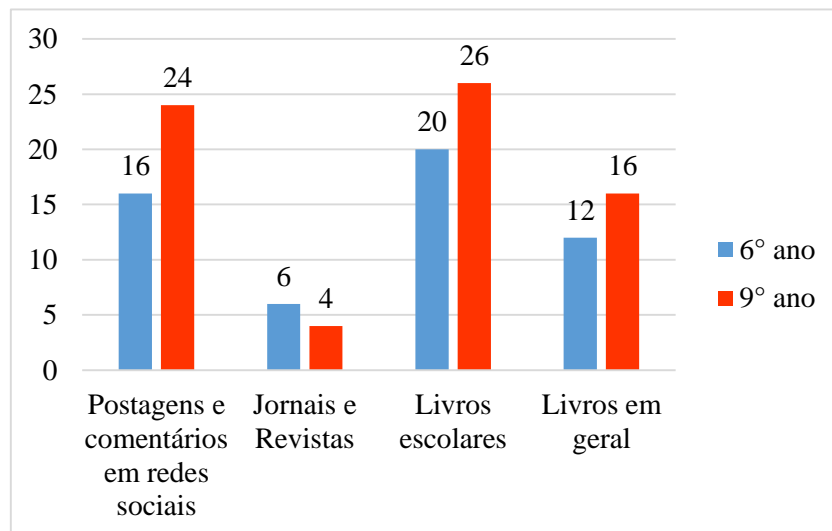
Seguindo na tentativa de identificar demais fatores responsáveis pelo processo de vocalização da lateral /l/ em posição coda, este trabalho também investigou as práticas de leitura dos estudantes por meio de um Questionário Social⁵. Passemos aos resultados.

4.3 Prática de leitura e escrita

Tendo em vista que, neste trabalho, levantamos a hipótese de que a vocalização está relacionada ao nível de escolaridade, acreditamos ser viável propor, também, a análise das práticas de leitura dos informantes que participaram da pesquisa, uma vez que, os estudantes que apresentam uma quantidade maior de desvios são aqueles que praticam pouca leitura.

Destacamos, ainda, que estudantes da Escola Pública, os que apresentam maiores quantidades de desvios, são os que menos leem, sendo a leitura escolar a mais frequente, em ambos os anos, como pode ser visto no gráfico a seguir:

Gráfico 5 – Frequência Diária de Leitura



Fonte: Elaborado pela autora.

⁵ Ver Apêndices 2 e 3, respectivamente: Questionário de Hábito de Leitura e Questionário de Hábito de Escrita.

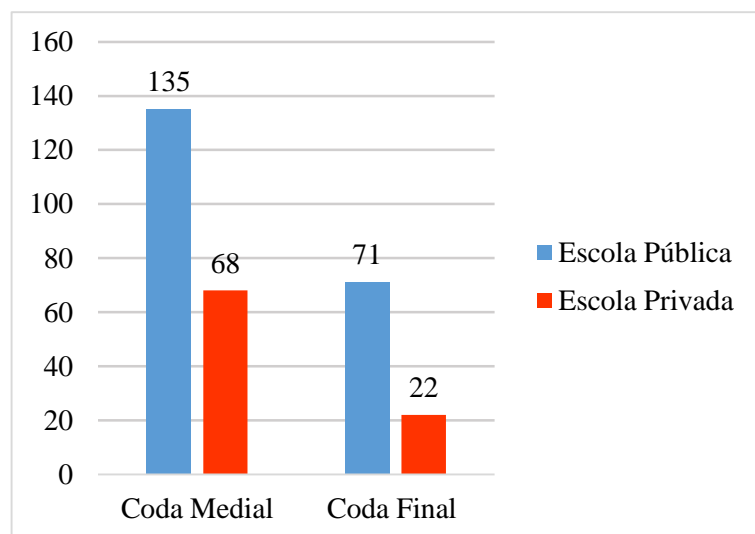
Ao fazermos uma análise acerca desse questionário de hábito de leitura e escrita, percebemos que os informantes que apresentaram mais desvios na escrita das palavras em questão são aquelas que não costumam ler nem escrever com frequência. Ainda segundo esse questionário, foi possível perceber que os escreventes só leem ou escrevem quando há alguma obrigação relacionada ao contexto escolar.

Além disso, a maioria dos estudantes afirmaram que tem contato com as redes sociais e as usam com frequência. Em contrapartida, os alunos com a grafia mais próxima da norma padrão costumam ler e escrever com frequência, dentro e fora do ambiente escolar.

4.4 Estudo comparativo entre as instituições

Agora preocupar-nos-emos em observar a diferença estatística da permanência da variação do contexto do ensino privado para o ensino público, levando em consideração a manifestação do fenômeno de vocalização em escrita. Passemos ao gráfico 6 para melhor visualização:

Gráfico 6 – Manifestação da variante: Ensino Público x Ensino Privado



Fonte: Elaborado pela autora.

Diante do exposto no gráfico 6, percebe-se como a Escola Pública apresenta um percentual de desvios bem maior do que a Escola Privada, tanto em Coda Medial, quanto em Coda Final. Os estudantes da Escola Pública apresentaram um total de 135 desvios em Coda Medial e 71 em Coda Final. Já os alunos da Escola Privada, 68 desvios em posição de Coda Medial e 22 em Coda Final.

Para dividir e apresentar melhor essas informações, apresentaremos a tabela 1, contendo a quantidade de desvios apresentada por cada escola:

Tabela 1 - Variante em posição de Coda Medial e Coda Final no contexto Público X Privado

6º ano			9º ano		
	<i>Pública</i>	<i>Privada</i>		<i>Pública</i>	<i>Privada</i>
Coda Medial	96	37	Coda Medial	39	31
Coda Final	55	12	Coda Final	16	10

Fonte: Elaborado pela autora.

Observando a tabela 1, podemos reafirmar tudo o que foi exposto e concluir que a Escola Pública apresenta um percentual de desvios maior que a Escola Privada. As conclusões citadas, no corpo dessa pesquisa, também são reafirmadas pela tabela 1.

Assim, percebemos que o nível de escolaridade é um fator influente na quantidade de desvios, pois os estudantes do 6º ano apresentam mais desvios de vocalização que os estudantes do 9º ano. Além disso, o contexto fonológico também influencia na prática da vocalização, pois esta apresenta mais produtividade em contexto medial.

Ainda no tocante às diferenças entre os resultados obtidos entre as duas instituições de ensino, analisando os fatores sociais e estruturais, chegamos às seguintes conclusões:

Na Escola Pública:

1. Esta está localizada em uma região menos favorecida da cidade, sendo um bairro periférico, além de ser formado, em sua maioria, por indivíduos pertencentes às classes C e D, e alguns lugares de maior precariedade que constituem a classe;
2. Os responsáveis pelos menores não fazem o devido acompanhamento das suas vidas acadêmicas;
3. A infraestrutura da instituição também é muito precária e a mesma conta com poucos recursos. Um dos problemas mais sérios é a falta de uma biblioteca na comunidade escolar.

Em contrapartida, na instituição *Privada*:

1. As condições estruturais são ótimas, além de estar localizada próximo ao centro da cidade;
2. Os alunos são acompanhados pela instituição desde a educação infantil até o fundamental II, o que possibilita um desenvolvimento maior de cada estudante.

Logo após a discussão e a análise dos resultados com que trabalhamos, esta pesquisa buscou provar todas as hipóteses que aqui foram levantadas, a fim de validar os pressupostos teóricos debatidos sob a literatura utilizada. Assim, procuramos, principalmente, a regularidade (*reliability*): pesquisas sobre um mesmo fenômeno devem produzir os mesmos resultados; e a intersubjetividade (*intersubjectivity*): diferentes pesquisadores que estudem um mesmo fenômeno devem obter os mesmos resultados (cf. BAILEY; TILLERY, 2004 apud LEAL, 2015).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Visamos, com esta pesquisa, ater-nos aos fatores responsáveis pelo processo de vocalização da lateral /l/ em posição de coda silábica em ambiente escolar. Assim, foi possível aprofundarmo-nos no fenômeno aqui estudado, obtendo dados mais próximos à realidade local, comprovando, por exemplo, que há espelhamentos da oralidade, do campo fonético, para a escrita no concernente ao fenômeno da vocalização, visto que obtivemos um percentual de vocalização de aproximadamente 19% nos dados dos informantes, sendo quase 13% do 6º ano do EF II.

Seguindo, concluímos, com sucesso, o que diz respeito à nossa hipótese direcionadora. Comprovamos, assim, que, em séries iniciais, os dados da escrita são mais próximos da fala e na medida em que se dá o letramento, tendem a se afastar desta (cf. MORAIS, 2003, 2007; MARCUSCHI, 2005; MASSINI-CAGLIARI, CAGLIARI, 2008; FARACO, 2012, 2015). Essa conclusão mostra-se geral no âmbito variacionista e foram também discutidos, teorizados e provados os seguintes pontos:

- No *contexto fonológico*, comprovamos que a manifestação da vocalização mostra-se mais abundante quando tratamos de coda medial, pois, desse modo, a consoante seguinte força essa vocalização, como em: ca/u/deirão ~ ca/w/deirão (caldeirão), fra/u/da ~ fra/w/da (fralda), pa/u/co ~ pa/w/co (palco), sa/u/sicha ~ sa/w/sicha (salsicha) e ta/u/co ~ ta/w/co (talco);

- Na variável *Sexo*, comprovamos que o sexo masculino tende a vocalizar mais, enquanto o sexo feminino mantém a norma padrão. Isso acontece porque, segundo Labov (2001), há dois princípios básicos na discussão da variável *Sexo*: o primeiro afirma que o *Sexo Masculino* opta mais pela forma não padrão que as mulheres, em uma estratificação sociolinguística estável; já o segundo, defende que o *Feminino* é o principal responsável pela maioria dos processos de mudança linguística, a partir do uso de formas inovadoras;
- No *corpus* da presente pesquisa, apontamos a grande produção da variante [Ø], que ocorreu, principalmente, nas palavras *culto* e *multidão*. Acreditamos que isso ocorreu por causa da proximidade sonora da vogal média alta /o/ com a vogal alta /u/, já que a estratégia de reparo vocalizada é a transformação ortográfica do /l/ em /u/;
- Por fim, nossa pesquisa mostrou que os discentes da *Escola Pública* apresentaram mais desvios de escrita relacionados à vocalização, justificamos essa diferença estatística, apontando os problemas e as dificuldades encontradas na instituição pública, em contra partida às boas estruturas e condições da *Escola Privada*.

De mais a mais, gostaríamos de salientar que os baixos índices de vocalização são justificados pelos frequentes hábitos de leituras dos estudantes que participaram dessa pesquisa, tendo em vista que os desvios ortográficos são mais comuns em aprendizes que praticam pouca leitura.

REFERÊNCIAS

BISOL, Leda. (Org.). **Introdução a Estudos de Fonologia do Português Brasileiro**. 3.ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **Estrutura da Língua Portuguesa**. 21.ed. Petrópolis: Vozes, 1992.

CRISTÓFARO SILVA, Thaís. **Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

DE PINHO, Antonio José; MARGOTTI, Felício Wessling. A variação da lateral pós-vocálica /l/ no português do Brasil. **Working Papers em Linguística**, Florianópolis, v. 11, n. 2, p. 67-88, mar. 2011.

ECKERT, Penelope. **The whole woman: sex and gender differences in variation**. Cambridge: University Press, 1989.

ESPIGA, Jorge Walter da Rocha. **Influência do espanhol na variação da lateral pós-vocálica do português da fronteira**. Dissertação (Mestrado em Letras). Pelotas: Universidade Católica de Pelotas, 1997.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem Escrita e Alfabetização**. São Paulo: Contexto, 2012.

HORA, Demerval da. **Fonética e fonologia**. 2009. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/4277006-Demerval-da-hora-oliveira.html>>. Acesso em: 30 set. 2022.

_____. Variação da Lateral /l/: correlação entre restrições sociais estruturais. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 9, n. 18, p. 29-44, 2006.

HORA, Demerval da; PEDOSA, Juliene Lopes Ribeiro; CARDOSO, Walcir. <i>Status</i> da consoante pós-vocálica no português brasileiro: coda ou <i>onset</i> com núcleo não preenchido foneticamente?. **Letras De Hoje**. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/6860>>. Acesso em: 30 set. 2022.

LABOV, William. **Principles of Linguistic Change: social factors**. Oxford: Blackwell, 2001.

_____. **The Social Stratification of English in New York City**. Washington D. C. Center of Applied Linguistics, 1966.

LEAL, Eneida de Goes. A Lateral em Coda no VARSUL: Generalização de resultados e possibilidades de comparação. **ABRALIN**, v. 14, p. 271-294, 2015.

MASSINI-CAGLIARI, Gladis Massine & CAGLIARI, Luiz Carlos. **Diante das letras: a escrita na alfabetização**. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2008.

MIRANDA, Ana Ruth Moresco. Um estudo sobre o erro ortográfico. In: Otília Lizete Heining, Cátia de Azevedo Fronza. (Org.). **Diálogos entre linguística e educação**. Blumenau: EDIFURB, 2010, v. 1, p. 141-162.

_____. A fonologia em dados de escrita inicial de crianças brasileira. **Linguística**, Montevideú, vol. 30, p. 45-80, 2014.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2003.

MORAIS, Arthur Gomes. **Ortografia: ensinar e aprender**. São Paulo: Ática, 2003.

_____. (Org.). **O aprendizado da Ortografia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MOTA, Jacyra Andrade. Percurso metodológicos: questionários e informantes. In: CARDOSO, Suzana Alice et al (Orgs.). **Atlas Linguístico do Brasil**. Londrina: Eduel, 2014. p. 79-111.

NASCIMENTO, Jeferson Silva; PEDROSA, Juliene Lopes Ribeiro. **Vocalização da Consoante Lateral /l/ em Posição de Coda na Modalidade Escrita: um estudo sociolinguístico**. UEPB, s.d.

QUEDNAU, Laura Rosane. **A Lateral Pós-Vocálica no Português Gaúcho: análise variacionista e representação não linear**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1993.

SALGADO, Solyany Soares. **Ciência linguística: da origem saussureana ao percurso sociolinguístico**. Maringá-PR: Espaço Acadêmico, 2009.

SANTANA, Jessé; NEVES, Maria. As Variações Linguísticas e suas Implicações na Prática Docente. Recife: **Millenium**, p. 75-93, jan/jun.

SCHWINDT, Luiz Carlos da Silva; QUADROS, Emanuel Souza de; TOLEDO, Eduardo Elisalde; GONZALEZ, César Augusto. A influência da variável escolaridade em fenômenos fonológicos variáveis: efeitos retroalimentadores da escrita. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL**. Vol. 5, n. 9, agosto de 2007. ISSN 1678-8931 [www.revel.inf.br].

SILVA, André Pedro da; GALINDO, Yasmin Maria Macedo Torres. Vocalização da Lateral /l/: um estudo acerca da manifestação nas séries iniciais do ensino particular. Fortaleza: **Entrepalavras**, v.7, p.394-413, ago./dz. 2017.

SILVA, José Robson da; SEDRINS, Adeilson Pinheiro. **Comportamento Variacionista do Segmento Lateral na Escrita das Séries Iniciais de Crianças de Serra Talhada-PE.** UAST//UFRPE, s.d.

SILVA, Laiane Thaís de Oliveira; OLIVEIRA, Josane Moreira de. A variação da lateral pós-vocálica <l> na escrita de alunos: a posição da sílaba e a vogal precedente. **Signótica**, Goiânia, v. 33, 2021. DOI: 10.5216/sig.v33.67738. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/sig/article/view/67738>>. Acesso em: 25 set. 2022.

WIETHAN, Fernanda Marafiga; MELO, Roberta Michelin; MOTA, Helena Bolli. **Consoantes líquidas: ocorrência de estratégias de reparo em diferentes faixas etárias e gravidades do desvio fonológico.** Santa Maria: CEFAC, p. 607-616, 2011.

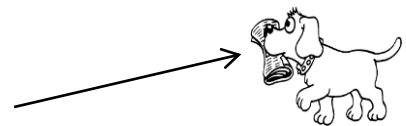
ZILLES, Ana Maria Stahl; FARACO, Carlos Alberto. (Orgs.). **Pedagogia da Variação Linguística: língua, diversidade e ensino.** São Paulo: Parábola, 2015.

APÊNDICES

Apêndice 1

Aluno: _____ Idade: _____ Série: _____

1. O cachorro de Maria brincou com o _____



2. Cinderela perdeu o sapatinho de _____



3. Ontem durante a noite caiu um forte _____



4. Bob esponja é muito _____



com seu amigo Patrick.

5. Marilda cuida dos doentes no _____



6. Pela manhã mamãe coloca na mesa leite com _____

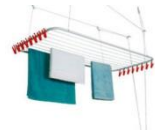


7. Maria passa o _____

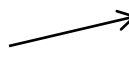


no bumbum do bebê.

8. Mamãe estendeu a roupa no _____



9. O _____



da bruxa está fervendo.

10. O irmão de João é um _____



11. No show da Xuxa havia uma grande _____





12. O peixe foi fisgado pelo _____




13. O cantor se apresenta no _____



14. Fui ao cinema assistir ao _____  Universidade Monstros.


15. Na igreja evangélica o pastor celebra o _____ 

16. A luz do _____  ilumina o mar.

17. Na fazenda do vovô o gado fica confinado no _____ 

18. Maria gosta muito de cachorro quente com _____ 

19. A mamãe está trocando a _____  do bebê.

20. A menina está comendo um delicioso _____  doce.

Apêndice 2

QUESTIONÁRIO – HÁBITO DE LEITURA

1. Nome: _____

2. Sexo: () FEMININO () MASCULINO

3. Idade: ____ anos.

4. Ano Escolar: () 6º ANO () 7º ANO () 8º ANO () 9º ANO

5. Responda quanto a sua frequência de leitura:

• Postagens e Comentários em Redes Sociais, Blogs e Sites:
 () Diário () Semanal () Mensal () Anual () Nunca/Raramente

• Jornais e Revistas
 () Diário () Semanal () Mensal () Anual () Nunca/Raramente

• Livros Escolares
 Diário Semanal Mensal Anual Nunca/Raramente

• Livros em Geral
 Diário Semanal Mensal Anual Nunca/Raramente

6. Quais são os assuntos que você mais gosta de ler?

7. Você costuma ler textos/imagens impressas ou em formato digital?

Impresso Digital

8. Por que você escolheu a opção acima?

9. Você considera que o seu tempo dedicado à leitura é:

Suficiente Insuficiente

10. Quais destes problemas te impedem de ler mais?

Tempo Condições Financeiras Dificuldade de acesso a uma biblioteca

Lentidão na leitura Outro: _____

11. Onde geralmente você lê mais?

Em casa Na Escola

12. Você gosta de ler?

Sim Não

Apêndice 3

QUESTIONÁRIO – HÁBITO DE ESCRITA

13. Responda quanto a sua frequência de escrita:

• Postagens e Comentários em Redes Sociais, Blogs e Sites:
 Diário Semanal Mensal Anual Nunca/Raramente

• Aplicativos de Mensagens
 Diário Semanal Mensal Anual Nunca/Raramente

• Diário Pessoal
 Diário Semanal Mensal Anual Nunca/Raramente

• Outros: _____
 Diário Semanal Mensal Anual Nunca/Raramente

14. Quais são os assuntos que você mais gosta de escrever?

15. Você costuma escrever em suportes físicos (papel) ou digitais (sites / blogs / redes sociais)?

Físico Digital

16. Por que você escolheu a opção acima?

17. Você considera que o seu tempo dedicado à escrita é:

Suficiente Insuficiente

18. Quais destes problemas te impedem de escrever mais?

Tempo Condições Financeiras Dificuldade de acesso à uma biblioteca
 Dificuldade com as regras gramaticais Outro: _____

19. Onde geralmente você escreve mais?

Em casa Na Escola

20. Você gosta de escrever?

Sim Não

ANEXOS

Anexo 1

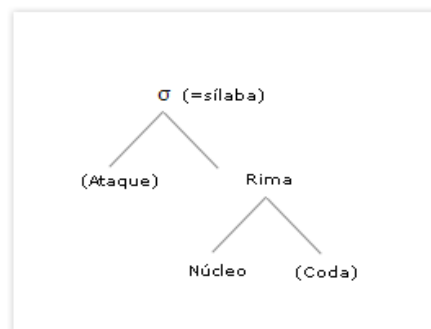


Figura 1 - Diagrama da estrutura silábica.